

A poesia no tempo dos incêndios no céu



Por **GUILHERME RODRIGUES***

Considerações sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade

“Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê.”^[i]

1.

Este é o primeiro verso do poema “Itabira”, parte da “Lanterna mágica”, conjunto de poemas do primeiro livro de Drummond, *Alguma poesia*, publicado há quase cem anos atrás. Este livro, como se sabe, se tornaria um clássico, e sem dúvida uma das mais marcantes obras da língua portuguesa, lembrado por poemas como “No meio do caminho”, “Poema de sete faces” e “Poema da purificação”. Mas não se pode esquecer seu restante, os poemas que apresentam, por exemplo, a “cidadezinha qualquer” de onde o poeta saiu.

A vida no interior de Minas Gerais e a paisagem da pequena cidade é algo que atravessa a poesia de Carlos Drummond de Andrade, de *Alguma poesia* a *Boitempo*, e moldou uma certa visão sobre este escritor, que, em verdade, viveu boa parte da vida em capitais: Belo Horizonte e Rio de Janeiro. De qualquer modo, em sua poesia estão entrelaçados dados biográficos e sociológicos que advêm da vida na pequena cidade com a criação poética que tanto se interessa, no fundo, pela história do Brasil. Este verso da “Lanterna mágica” parece fantasmagórico neste sentido agora.

Pois se qualquer interessado quiser, desavisado, visitar a pequena cidade próxima a Belo Horizonte para saber, afinal de contas, qual é seu pedaço no pico do Cauê, se surpreenderá que tal pico não existe mais — ele hoje é um buraco no chão, minerado totalmente. De início, seria bom ao interessado se lembrar do restante da poesia:

“Na cidade toda de ferro
as ferraduras batem como sinos.
Os meninos seguem para a escola.
Os homens olham para o chão.
Os ingleses compram a mina.

Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável.”^[ii]

Itabira é uma cidade toda de ferro, ou melhor, como vai o próprio Carlos Drummond de Andrade reformular cerca de dez anos depois no *Sentimento do mundo*, “noventa por cento de ferro nas calçadas. / Oitenta por cento de ferro nas almas.”^[iii] A pequena cidade, como ele vai repetidas vezes enunciar, teve uma história dupla (que, ao final, é a história do próprio poeta): outrora, fora um lugar de grandes fazendas e lavouras, depois, vendida aos ingleses para se extrair ferro do

a terra é redonda

coração do chão.

É Carlos Drummond de Andrade mesmo quem vai escrever que “Tive ouro, tive gado, tive fazendas. / Hoje sou funcionário público.”^[iv], sua infância é aquela da fazenda, cujo pai monta à cavalo e a mãe fica em casa cosendo^[v], uma família formada por

“Três meninos e duas meninas
sendo uma ainda de colo.
A cozinheira preta, a copeira mulata,
o papagaio, o gato, o cachorro,
as galinhas gordas no palmo de horta
e a mulher que trata de tudo.”^[vi]

Ou seja, uma família de estrutura patriarcal que é oriunda de um sistema escravista. Isso pois o poeta sempre é atravessado por este passado que não permite idílios campestres ou narrativas bucólicas, quando confrontados com a materialidade da exploração e horror da escravidão – a lembrança que aparece tão bem no “Canto negro” de *Claro enigma*.^[vii] O homem da fazenda é, afinal, de tradição escravista, algo a que a poesia deste escritor nunca descansou de dizer, com notável poeticidade em “Os bens e o sangue”, também de *Claro enigma*, publicado já depois da Segunda Guerra, mais de vinte anos depois do primeiro livro do poeta: “e o menino crescerá sombrio, e os antepassados no cemitério / se rirão se rirão porque os mortos não choram.”^[viii] Esta cidadezinha qualquer, portanto, tem a sua história dos “engenhos de secar areia até o ouro mais fino”^[ix]; contudo, ela mesma foi toda vendida para os ingleses, que cavaram a cidade à sua raiz de ferro. A derrota de Tutu Caramujo está completa ali em *Claro enigma*, quando a poesia lança mão da imagem dos morros secos de ferro tapando o vale sinistro na procissão dos últimos escravos.

Poderíamos, então, lembrar, com a ajuda de Ailton Krenak, que isto é mais uma etapa da exploração da terra e da destruição que é processada pelo que se chama de “agro”, pois “tudo virou agro. Minério é agro, assalto é agro, roubo do planeta é agro, e tudo é pop. Essa calamidade que nós estamos vivendo no planeta hoje pode apresentar a conta dela para o agro”.^[x]

O que parece efetivo na poesia de Carlos Drummond de Andrade é como estas marcas da destruição moderna da civilização afetam não somente o solo, as árvores e as condições imediatas da vida humana; mas ela tem um imperativo que deve funcionar ao preço de sua continuidade: a formação de um modo de entendimento de mundo que deve tirar de seu horizonte qualquer possibilidade de empatia ou vida em conjunto com o mesmo mundo; em que a sensibilidade é dessensibilizada em direção a um hiper-individualismo tacanho e imediatista.

No passeio público apresentado na sua “Nota social”, em *Alguma poesia*, a árvore já aparece apenas como um “melhoramento”, mas que é apenas “prisoneira / de anúncios coloridos”^[xi], e a cigarra que ali canta um hino que não é escutado por ninguém lembra a mesma condição do poeta que atravessa a multidão em furor na modernidade. É o mesmo dilema que permanece em *Claro enigma*, em que se volta a afirmar que Orfeu anda perdido no mundo moderno – a poesia, que antes tinha o poder do encantamento de que tanto fala Octavio Paz^[xii] perdeu sua capacidade imanente de ser revolucionária e de mudar mundos; e é para Carlos Drummond de Andrade uma quimera que lhe causa tanta inquietação, como tão bem apontou Antonio Candido em ensaio sobre o autor.^[xiii]

Este mundo acabado é aquele mesmo em que o eu lírico se encontra com a grandeza mística da Máquina do Mundo, como um Dante a caminhar pelo inferno, próximo a ter a revelação poética de Octavio Paz, mas ele simplesmente baixa seus olhos, “incurioso, lasso / desdenhando colher a coisa oferta / que se abria gratuita a meu engenho.”^[xiv] O mundo, aos olhos do poeta, passou por esse processo de dessensibilização: diante dos mais indescritíveis níveis de violência, exploração e

destruição, só uma pedagogia da indiferença absoluta pode sustentá-lo, pois “se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.”^[xvi]

É neste sentido que a poesia de Carlos Drummond de Andrade lembra que somente um sujeito que é incapaz de, ao ouvir um som de um piano, distinguir o que se toca –o “me disseram que era Chopin” –, e, mais, se emocionar com aquilo, pode viver passando pelo mundo, ouvindo o piano e só se lembrando de maneira deprimente das “contas que era preciso pagar”^[xvii].

A semelhança sinistra chega-nos enquanto somos dessensibilizados mesmo diante dessa poesia, que, instrumentalizada, se aproxima aos jovens apenas enquanto uma maneira de passar pela autoridade da escola; e aos mais velhos, são esquecidos da palavra poética, que devem, todos os dias, acordar para trabalhar e consumir os produtos mais baixos da indústria cultural enquanto o céu está em chamas, o ar está irrespirável, a água não se pode tomar, a chuva queima nossa pele e o espetáculo da guerra mata crianças na faixa de Gaza. No novo “Canto órfico” do *Fazendeiro do Ar*, os olhos estão, enfim, “desaprendidos de ver”^[xviii].

2.

Ainda assim existe algo que a poesia de Carlos Drummond de Andrade faz lembrar – que ela ainda existe, ironicamente, num mundo que a tenta abolir com todas as forças. Esse parece ser o pedido que o eu lírico faz à tarde de maio, em *Claro enigma*: à maneira daqueles que carregam as mandíbulas dos mortos, o poeta carrega a tarde de maio, um momento em que aparece outra chama diante da terra devastada pelo incêndio. À tarde de maio pede a poesia que continue, e se consumindo “a ponto de converter-se em sinal de beleza no rosto de alguém / que, precisamente, volve o rosto, e passa...”^[xix].

Este é momento, escreve o poeta, da morte; mas é também quando se pode renascer numa primavera fictícia, criada pela própria poesia, num lugar em que o próprio amor se esqueceu de si e “se esconde, ao jeito dos bichos caçados”, de modo que resta somente – uma maneira de melhor se conservar – “uma particular tristeza, a imprimir seu selo nas nuvens”.

***Guilherme Rodrigues** é doutor em teoria literária pelo IEL da Unicamp.

Notas

^[i] Andrade, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1973, p. 58.

^[ii] id. loc. cit.

^[iii] id. ibid. p. 101.

^[iv] id. ibid. p. 103.

^[v] id. ibid. pp. 53-4.

^[vi] id. ibid. p. 69.

^[vii] id. ibid. p. 258.

^[viii] id. ibid. p. 262.

^[ix] id. ibid. p. 259.

^[x] Ailton Krenak. "Não se come dinheiro". in: *A vida não é útil*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2020, p. 23.

^[xi] Andrade, ibid. p. 64.

^[xii] Paz, Octavio. *El arco y la lira*. 3ª ed.. México: Fondo de Cultura Economica, 1973, pp. 117-81.

^[xiii] Candido, Antonio. "Inquietudes na poesia de Drummond". in: *Vários escritos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, pp. 69-99.

^[xiv] Andrade, ibid. p. 273.

^[xv] id. ibid. p. 70.

^[xvi] id. ibid. p. 71.

^[xvii] id. ibid. p. 288.

^[xviii] id. ibid. p. 248.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA